
O FENÔMENO BULLYING: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DETERMINADA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL SITUADA NA CIDADE DE PICOS/PI

THE PHENOMENON BULLYING: A CASE STUDY IN A CERTAIN MUNICIPAL SCHOOL SITUATED IN PICOS CITY - PI

Maurício Pereira Barros

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2014.1), com ênfase em Gestão Escolar. Graduado em Normal Superior pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2011.2) Graduado em Gestão e Recursos Humanos - RH pela Faculdade Três Marias - FTM. Pós-Graduado em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Evangélica Cristo Rei - FECR. Pós-Graduado em Educação Especial e Libras pelo KURIOS. Pós-Graduado em Ciências da Religião pela UPROMINAS.

E-mail: posgraduado2011@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo possui como temática o fenômeno *bullying*, originado de um estudo de caso em uma determinada escola da rede municipal na cidade de Picos-PI. O objetivo desta pesquisa é analisar a violência no ambiente escolar e identificar as principais características e os motivos que levam os indivíduos a praticarem o fenômeno *bullying*, assim como apresentar o perfil daqueles que são atormentados, constatando como ocorre essa ação na referida instituição anteriormente citada. A violência é um problema de saúde pública importante e crescente no mundo, com sérias consequências individuais e sociais, particularmente para jovens, que aparecem nas estatísticas como os que mais morrem e os que mais matam. A violência e as condutas agressivas estão mais constantes no meio social. A imprensa nacional e internacional dos últimos anos tem trazido, com relativa frequência, notícias de agressões, brigas, assassinatos, torturas dentre outras ações, sobretudo, no ambiente escolar, um fenômeno denominado *bullying*. O *bullying* sempre existiu

no meio social e nas escolas, no entanto, as informações sobre este fenômeno eram distantes aos olhos e aos ouvidos dos indivíduos. O que considerávamos engraçado enquanto crianças e adolescentes nas aplicações de apelidos e outras formas de chamar a atenção de outras pessoas, com a finalidade de sorrir e de se distrair, era a prática do *bullying*. Mesmo que, sem nenhuma intenção, não percebíamos quando estávamos magoando alguém, no entanto, essas brincadeiras se tornaram agressivas no momento em que tomaram proporções maiores e rotineiras. É um tipo de violência capaz de promover uma série de consequências a todos os envolvidos, principalmente ao agredido, que pode tomar atitudes capazes de modificar a vida e a rotina de outras pessoas.

Palavras-chaves: *Bullying*. Violência. Fenômeno.

ABSTRACT

The present study has as its theme the bullying phenomenon originated from a case study in a particular municipal school in the city of Picos-PI. Its main objective is to analyze violence in the school environment, identifying the main characteristics and reasons that lead individuals to practice the bullying phenomenon, as well as presenting the profile of those who are tormented, noting how this action occurs in the aforementioned institution. Violence is a major and growing public health problem in the world, with serious individual and social consequences, particularly for young people, who appear in statistics as the most dying and the deadliest. Violence and aggressive behavior are more constant in the social environment, the national and international press of recent years has brought relatively frequently news of aggression, fights, murders, torture among others, especially in the school environment called bullying. bullying has always existed in the social environment and in schools, only the information on this aspect was distant to the eyes and ears of individuals. What we thought was funny as children and adolescent in nickname applications and other ways that get other people's attention in order to smile and get distracted was the practice of, even if unintentionally, we don't realize when we are hurting someone. However, these games become aggressive when they become larger, routine proportions, it is a type of violence that can promote a series of consequences to all involved, especially the aggressed, that can take actions that can change life and life. other people's routine.

Keywords: *Violence. Play. Phenomenon.*

INTRODUÇÃO

Com a globalização, as informações chegam mais rápidas e praticamente em tempo real para todos. Seja através da televisão, do rádio ou pela internet, podemos observar através de programas e outros meios, que a violência vem crescendo de forma assustadora e que vemos poucas atitudes tomadas em meio a esse problema mundial que afeta a todos, mesmo que de forma direta ou indireta.

A palavra ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto meninas.

Apenas com a realização de pesquisa em 1972 e 1973, na Escandinávia, as famílias puderam perceber o grau de complexidade dos problemas gerados pela violência escolar, assim, tal fenômeno percorreu a Noruega e a Suécia, alastrando-se por toda a Europa. Em 1982, na Noruega, um jornal publicou o suicídio de (três) crianças, com idade entre 10 e 14 anos, que foi provocado por situações graves de *bullying*. Esse fato, gerou grande repercussão nos meios de comunicação

O FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DETERMINADA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL SITUADA NA CIDADE DE PICOS/PI

fazendo com que, em 1983, o Ministério da Educação da Noruega criasse uma campanha em escala nacional contra os problemas de violência entre agressores e vítimas.

Cléo Fante (2003, p. 45), ao descrever o histórico do fenômeno, diz que foi o professor Dan Olweus pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, que relatou os “primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo”

No Brasil, como afirma Fante, o *bullying* é pouco estudado, por isso não é possível comparar os índices da prática de *bullying* no âmbito escolar com outros países. A falta de estudos e pesquisas em relação ao fenômeno mencionado faz com que o Brasil apresente 15 (quinze) anos de atraso em relação à Europa. Uma das primeiras investigações registradas sobre o *bullying* no Brasil data de 1997. Marta Canfield, professora da Universidade Federal de Santa Maria, observou o comportamento agressivo em crianças de quatro escolas públicas na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Para o desenvolvimento do trabalho, ela adaptou e aplicou o questionário de Olweus.

Outros estudos semelhantes foram realizados por todo o território brasileiro. Em 2000 e 2001, por exemplo, Israel Figueira e Carlos Neto adequaram e aplicaram o questionário empregado num projeto internacional europeu, com o objetivo de diagnosticar o *bullying* em duas escolas municipais do Rio de Janeiro. É possível estimar que o *bullying* praticado por crianças e jovens já atinja 45% dos estudantes brasileiros de ensino fundamental (Centro de Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *bullying* escolar). A pesquisadora Cléo Fante, nos anos de 2002 e 2003, envolveu cerca de 2 mil alunos em sua pesquisa, em oito escolas da rede pública e particular e revelou que 49% dos estudantes estavam envolvidos com o *bullying*, assim distribuídos: 22% figuravam como vítimas, 15%, agressores, e 12%, vítimas-agressores.

No mesmo ano houve também um grande interesse do estado do Pernambuco em debater as questões relacionadas à violência na escola. Aconteceu o primeiro seminário de Valores Humanos, que contou com a participação de 350 educadores de Pernambuco, dando espaço para o tema “O fenômeno *bullying* em Pernambuco”.

A falta de acompanhamento da escola ou dos familiares que muitas vezes achava as ofensas bobas demais para terem maiores consequências, condicionavam o jovem a recorrer a medidas desesperadas e com isso ia crescendo cada vez mais o número de suicídios, atentados e massacres. Na década de 90, os Estados Unidos sofriam de uma grande epidemia de tiroteios em escolas e muitas dessas crianças eram vítimas de *bullying*, e que tomaram essas atitudes depois de sentir que a administração da escola havia falhado no tocante à punição dos agressores.

O objetivo focal deste trabalho é identificar quais as principais características dos educados que praticam ou são alvos do fenômeno *bullying*, traçando o perfil daqueles que são atormentados por esta violência. Objetiva-se ainda investigar quais os motivos que levam os discentes a sofrerem essa violência, bem como o que caracterizar o *bullying* nas escolas.

Este trabalho apresenta-se em três capítulos, onde o primeiro é a parte introdutória que apresenta a fase dos conceitos, o surgimento, os tipos e como ocorre esse fenômeno dentro das escolas. No segundo capítulo está a fundamentação teórica, a fim de obter informações necessárias para o bom desenvolvimento do tema, abordando de forma expansiva a íntegra do assunto, objetivando as causas, as formas e os malefícios que o *bullying* pode causar e as medidas contra a violência escolar. O terceiro capítulo é voltado ao estudo da pesquisa de coleta de dados

através de gráficos, onde irá abordar as agressões físicas e verbais causadas a alunos, a frequência das agressões e o comportamento dos professores diante de um conflito entre estes educandos, bem como identificar e combater a violência entre eles.

REFERENCIAL TEÓRICO

O *bullying* define todo e qualquer tipo de comportamento agressivo, individual ou de um grupo que é exercido contra uma ou outra pessoa sem motivação, por um tempo prolongado, causando sofrimento e angústia às vítimas, existente uma relação desigual de poder. Para Fante (2005, p.28- 29):

[...] *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do “comportamento *bullying*”.

Na escola, quem nunca foi “zoadado” ou “zoou” alguém? risadinhas, piadinhas, fofocas, apelidos. Todos nós, em algum momento de nossas vidas, testemunhamos essas brincadeiras de mau gosto, ou fomos autores ou vítimas. Contudo, essa rotina de xingamentos e ofensas, considerada normal por muitos pais, alunos e até educadores, está longe de ser inocente. O *Bullying* é um comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos (CHALITA 2008, p.82).

O *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra pessoa mais poderosa.

Classificação do *bullying*

O *bullying* é classificado como: *Direto*, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes, porém, dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maltrato. Normalmente, os comportamentos desrespeitosos do *bullies* costumam vir em “bando”. Essa versatilidade de atitudes maldosas contribui não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar.

As atitudes mais frequentes identificadas nessa modalidade são as agressões verbais como: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas repetitivas, zoar. Agressões físicas como: bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra as vítimas.

Indiretas

É a forma mais comum entre o sexo feminino e crianças menores. Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social. As estratégias utilizadas são as agressões

O FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DETERMINADA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL SITUADA NA CIDADE DE PICOS/PI

psicológicas e morais como: irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear, intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos; e agressões sexuais como: abusar, violentar, assediar e insinuar.

Nos dias atuais, a forma indireta de praticar os atos violentos ganhou um espaço maior com o surgimento e avanço dos meios de comunicação. Independentemente da idade das vítimas, o envio de mensagens maldosas desponta como um dos tipos de violência mais frequente, atualmente configurado como *cyberbullying* ou crime virtual.

Cyberbullying

Os avanços tecnológicos também influenciam esse fenômeno típico das interações humanas. Com isso novas formas de *bullying* surgiram através da utilização de aparelhos e equipamentos de comunicação, que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências. Essa forma de *bullying* é conhecida como *cyberbullying*.

Os maiores praticantes de *cyberbullying* são os adolescentes, e não é por acaso. Em termos científicos, a adolescência corresponde a uma fase da vida humana compreendida, aproximadamente, entre 11 e 18 anos. Nesse curto, porém intenso, espaço de tempo, sofremos uma verdadeira revolução neuroquímica que é desencadeada pelo nosso cérebro. É ele quem dá o “*start*” para que ocorram todas as transformações físicas e psicológicas que observamos nos adolescentes. Em outras palavras, durante a adolescência, o cérebro, ainda infantil, sofre uma série de mudanças químicas e estruturais para se transformar em um cérebro adulto. Para Silva (2010, p.134):

Esta é uma fase delicada. O cérebro, o nosso comandante maior, passa por uma profunda reformulação, pela qual é lapidado e amadurecido. Este processo ocasiona as repentinas mudanças de humor dos adolescentes, os infindáveis questionamentos sobre regras e limites, os sentimentos de insegurança e insatisfação constantes, as distorções da autoimagem, a necessidade de pertencer a algum grupo, a sede insaciável de novidades, a irresponsabilidade e a inconsequência. E, para completar esse “tsunami” existencial, ainda temos que levar em conta o despertar da sexualidade e da necessidade de desenvolver e aplicar os rituais da sedução em relação a seus pares, que provocam desejo sexual, prazer e paixão.

As crianças e adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas de acordo com a sua atitude diante de situações de *bullying*. Essa nova modalidade de *bullying* vem preocupando especialistas em comportamento humano, pais e professores em todo o mundo. E isso se deve ao fato de ser imensurável o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas. Os ataques do *ciberbullying* extrapolam, em muito, os muros das escolas e de alguns pontos de encontros reais, onde os estudantes se reúnem em território extraclasse (festas, baladas, praças de alimentação em shoppings, cinemas, lanchonetes etc.).

Segundo Manzotti (2012, p. 54), atualmente, com o avanço da tecnologia e o advento da chamada era virtual, o problema ganhou nova dimensão. Refiro-me a e-mails e mensagens ameaçadoras postadas em sites, geralmente, com fotos e palavras constrangedoras a respeito da vítima, dando origem a uma variante desses tipos de práticas agressivas denominadas de *cyberbullying*.

A grande diferença se encontra na forma e nos meios que são utilizados pelos praticantes de *cyberbullying*. Eles se utilizam de todas as possibilidades que o recurso da moderna tecnologia lhes oferecem: e-mails, blogs, fotoblogs, MSN, Orkut, Youtube, Skype, Twitter, Myspace, Facebook, Fotoshop, Torpedos.

Consequentemente, existe uma forma de diferenciar uma coisa da outra: no *bullying* a ação sempre tem um caráter definitivo. Há pais que erram por ignorância. Esses, entre os que erram, são a maioria. Mas, há aqueles que o fazem por não gostar dessa tarefa na vida. Os pais que erram por ignorância esforçam-se para fazer o melhor. Marinheiros de primeira, de segunda ou de terceira viagem, não importa, não sabem lidar com o novo, pois, temem não atender às expectativas do filho. Insistem para que alguns comportamentos surjam antes do tempo. Temem quando a criança demora a falar, a andar ou quando apresenta alguma diferença em relação a outras crianças que eles têm como modelo de perfeição.

De igual ordem, não são raros os primeiros professores que também se assustam, frequentemente, e muitas vezes não têm a humanidade de consultar outros educadores para entender o novo. O comportamento de uma criança não é necessariamente igual ao de outras, e nem por isso ela pode ser considerada inapta, incapaz de aprender. O tempo de aprendizagem não é o mesmo para todos – não há pessoas iguais. É impressionante a quantidade de adultos bem-sucedidos que quando crianças receberam avaliações negativas dos professores.

Cabe aos adultos desenvolver um olhar mais atento para todas as suas atitudes que possam exprimir um comportamento defensivo em relação às dificuldades psicológicas vividas no dia a dia. Tanto os adolescentes que se expressam de forma reativa (com frequentes atitudes agressivas) quanto os que agem passivamente (com comportamentos submissos), apresentam problemas disfuncionais que podem gerar sofrimentos para si mesmo ou para os que fazem parte de seu círculo de convivência.

Somente de posse e domínio de todo o conhecimento que envolva a engrenagem juvenil é que poderemos ser capazes de auxiliá-los no árduo e fascinante processo de se construir um adulto ético e solidário. Este, antes de ser cidadão de um determinado país ou estado, deve ser um cidadão da humanidade e do nosso planeta.

Os pais precisam estar muito atentos para perceber a utilização que os filhos fazem da internet. Eles costumam ver os filhos como vítimas e não como agressores, no entanto, é importante que entendam que suas crianças podem assumir esses dois papéis. Os pais devem deixar claro a seus filhos, que sempre que se sentirem incomodados ou desconfortáveis com algo, eles podem e devem compartilhar isso com os seus responsáveis. Para Silva (2010, p. 137) “É importante reparar o comportamento dos filhos, especialmente em relação ao uso do computador: quantas horas eles ficam “navegando”.

A participação da escola no *bullying* virtual

Os alunos devem ser orientados a nunca fornecer, pela internet, senhas, números de contas bancárias e de cartões de crédito ou débito, endereço residencial e escolar, telefones residenciais, celulares pessoais e familiares, profissão e cargos dos pais, local onde irão passear as férias ou festas, onde estarão em determinada data. Para obterem esses dados os *bullies* virtuais se passam por “verdadeiros amigos” das crianças e dos adolescentes, que são facilmente ludibriados. Amigos de verdade não fazem tantas perguntas, eles gostam de conversar ou estar com a pessoa.

O FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DETERMINADA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL SITUADA NA CIDADE DE PICOS/PI

É indispensável que se estabeleça uma parceria entre a escola e a família. Sobretudo, é preciso que pais e educadores tenham um olhar atento, amoroso e sensível, que propicie atitudes de acompanhamento no acolhimento das angústias e dos medos. É fundamental que os adultos não neguem os fatos, nem se coloquem à parte dos acontecimentos, arriscando diagnósticos precipitados ou naturalizando tais “brincadeiras de mau gosto”. Os alunos também devem ser alertados sobre os tipos de crimes que são praticados de forma virtual. Devem saber que anonimato e a menoridade não os isentam de responsabilidades e de punições, caso cometam esses atos ilícitos.

Os protagonistas do *bullying*

A perversidade virtual é conhecida como *cyberbullying* e realiza-se por meio de mensagens de correio eletrônico, torpedos, blogs, fotoblogs, e sites de relacionamento, sempre anonimamente. Os maiores praticantes de *cyberbullying* são os adolescentes, e não é por acaso. Em termos científicos, a adolescência corresponde a uma fase da vida humana compreendida, aproximadamente, entre 11 e 18 anos. As crianças e adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas de acordo com a sua atitude diante de situações de *bullying*.

A forma de classificação utilizada pela ABRAPIA teve o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que estes fossem estigmatizados pela comunidade escolar. Adotaram-se, então, os termos autor de *bullying* (agressor), alvo de *bullying* (vítima), alvo/autor de *bullying* (agressor/vítima) e testemunhas de *bullying*.

Vítima típica

Em geral, não dispõe de recursos, *status* ou habilidade para reagir ou acessar o *bullying*. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua autoestima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus tratos sofridos.

O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem, podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmo. Pode evitar a escola e o convívio social, prevenindo-se contra novas agressões. Mais raramente, pode apresentar atitudes de autodestruição, intenções suicidas ou se sentir compelido a adotar medidas drásticas, como atos de vingança, reações violentas, portar armas ou cometer suicídio.

Vítima provocadora

É aquela que atrai e provoca reações agressivas com as quais não consegue lidar. Elas tentam responder e brigar quando são atacadas ou insultadas, mas não conseguem bons resultados. Geralmente são hiperativas, inquietas, dispersivas e ofensivas, são imaturas, de costumes irritantes

e quase sempre são as responsáveis por causar tensões no ambiente em que se encontra, sem sequer perceber que está trazendo para si a atenção dos agressores.

Vítima agressora

É aquela que reproduz os maus tratos sofridos. Ela procura uma vítima mais fraca do que ela, e como uma forma de compensação, reproduz todas as agressões sofridas na escola. A tendência com isso é que os casos de *bullying* se transformem em um expansivo número, aumentando assim o número de vítimas.

Para ABRAPAI (2005) e Fante (2005) são os alunos que, ora sofrem, ora praticam o *Bullying*. Habitualmente, esses alunos que passam por situações de sofrimento na escola, tendem a encontrar indivíduos mais vulneráveis que eles para os quais transferem as agressões sofridas.

Shaffer (*apud* COIE; DODGE, 1998), agressividade é uma forma de comportamento designada a machucar ou causar dano a outro ser vivo, que, por sua vez, é motivado a evitar tal tipo de tratamento.

O agressor

Os agentes escolhem sempre os alvos com baixo poder físico, e têm a capacidade de persuadir os demais colegas a atuarem a seu favor na prática de maus tratos contra o colega fragilizado. Essa atitude serve para “diluir a responsabilidade por todos ou a transfere para seus liderados, que são identificados como assistentes ou seguidores” (LOPES NETO, 2005).

Segundo Fante (2005, p. 73), o agressor normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que sua vítima em particular; pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas, sobretudo nos casos dos meninos. Ele sente uma vontade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe.

O agressor identifica a vítima pelas características psicológicas de ansiedade, insegurança, passividade, timidez, de aparente fragilidade e sem recurso físico. Para que um comportamento seja caracterizado como *bullying*, é necessário distinguir os maus-tratos não graves dos habituais e graves, já que são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima e, que apresentam uma relação de desequilíbrio de poder, dificultando a defesa dela. Ocorrem sem motivos evidentes, por isso são classificados como comportamentos deliberados e danosos.

O agressor dispõe, ainda, de um caráter violento e perverso, lidera através da força e da agressividade. Ele pode agir sozinho ou em grupo, pode ser de ambos os sexos, tem aversão às normas, não aceita ser contrariado, possui um desempenho escolar deficitário (porém sem dificuldade de aprendizagem) e, geralmente, está envolvido em atos de pequenos delitos como roubo e/ou vandalismo.

Testemunhas

A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying* e, geralmente, as testemunhas que assistem e convivem com esse tipo de violência entre colegas ficam em silêncio sob pena de serem as próximas vítimas porque não acreditam na capacidade da escola para

O FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DETERMINADA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL SITUADA NA CIDADE DE PICOS/PI

intervir e, apesar de não sofrerem diretamente as agressões, podem sentir-se incomodadas e inseguras perante o sofrimento dos seus colegas, o que também pode ser motivo de transtornos psicológicos. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos. Grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos, tende a não os culpar pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores intervenham mais efetivamente. Cerca de 80% dos alunos não aprovam os atos de *bullying*.

A forma como reagem ao *bullying* permite classificá-los como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam), ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão). De acordo com Pedra (2008, p. 61):

Muitas das testemunhas “repudiam as ações dos agressores, mas nada fazem para impedir”. Entretanto alguns alunos usam estratégias para se defender e não serem a próxima vítima, através de risadas, permitindo as agressões, ou fingem se divertir com o sofrimento das vítimas. Quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações são efetivas na maioria dos casos. Portanto, é importante incentivar o uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores se sintam sem apoio social necessário.

De alguma forma esse tipo de violência passa despercebido aos olhos dos pais e professores e da sociedade em geral. A vítima pode sofrer desse tipo de maltrato há muito tempo sem que ninguém perceba. Do outro lado, o agressor impõe uma enorme pressão psicológica sobre ela.

O envolvimento de professores, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do *bullying*. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral: o apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro.

O *bullying* ocorre como qualquer outra forma de assédio ou maltrato, o agressor depois de praticar o ato, acusa de forma direta a vítima pela responsabilidade do abuso e maltrato a que foi sujeita. A vítima muitas vezes tende a querer assumir a culpa pelo que aconteceu porque sente-se gorda, feia, fraca e etc... Portanto, é importante que os pais, a escola e a sociedade em geral fiquem atentos aos comportamentos das crianças e dos adolescentes.

De acordo com o pesquisador Dan Olweus (*apud* SILVA, 2010, p.48-49), “Para que um aluno seja identificado como vítima, o professor deve observar se ele apresenta alguns destes comportamentos:”

No ambiente escolar

- No recreio, encontra-se frequentemente isolada do grupo ou perto de algum adulto que possa protegê-la: professor, inspetor, faxineiro, etc.
- Na sala de aula, apresenta postura retraída. Tem extrema dificuldade de perguntar algo ao professor ou emitir sua opinião para os demais alunos. Deixa explícitas suas inseguranças e ansiedades.
- Apresenta faltas frequentes às aulas, com o intuito de fugir das situações de exposição, humilhações e/ ou agressões psicológicas e físicas.
- Mostra-se comumente tristes, deprimidas ou aflitas.

Nos jogos ou atividades em grupo

- Sempre é a vítima a ser escolhida.
- Aos poucos vai se desinteressando pelas atividades e tarefas escolares.
- Ocasionalmente, nos casos mais dramáticos, apresenta hematomas (contusões), arranhões, cortes, ferimentos, roupas danificadas ou rasgadas.

No ambiente doméstico

- Frequentemente se queixa de dores de cabeça, enjoo, dor de estômago, tonturas, vômitos, perda de apetite, insônia. Todos esses sintomas tendem a ser mais intensos no período que antecede o horário de as vítimas entrarem na escola.
- Mudanças frequentes e intensas de estado de humor. Podem apresentar também explosões repentinas de irritação ou raiva.
- Geralmente, não tem amigos ou bem poucos, que preferem não frequentar sua casa ou compartilhar outras atividades livres. Essa situação fica evidenciada pela escassez de telefonemas, e-mails, torpedos, convites para festa, passeios, excursões, viagens com grupo escolar.
- Passa a gastar mais que o habitual na cantina da escola ou em compras de objetos diversos com o intuito de presentear os outros. Ambas as atitudes são tentativas de agradar os colegas, através de favores materiais para evitar as perseguições.
- As vítimas também podem pedir mais dinheiro aos pais e, em determinados casos, passam a furtar dinheiro ou objetos da família para presentear os colegas, inclusive seus agressores.
- Apresenta-se irritada, ansiosa, triste, ou deprimida, sonolenta durante o dia e com ar de infelicidade permanente; além disso, pode apresentar um aumento ou uma redução acentuada do apetite.
- Torna-se descuidada com tudo que esteja relacionado aos afazeres escolares.

Esse fenômeno é resultado de fatores externos (influências da família, da sociedade e dos meios de comunicação) e internos (ambiente escolar, relações interpessoais, comunidade escolar) à escola, e são caracterizados pelos tipos de interações, sejam elas, familiares, sociais ou sócios educacionais, e pelos comportamentos agressivos que se manifestam nessas relações interpessoais.

Infelizmente nem todas as crianças podem viver no “país da infância”. Existem aquelas que, nascidas e criadas na miséria rodeiam as grandes cidades em busca de migalhas para sobrevivência sua e de seus parentes, descobrem muito cedo que o chão é o asfalto hostil, onde são caçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da criminalidade. Durante todo o século XX o problema da infância pobre não fez senão piorar, especialmente nas grandes cidades, a despeito das políticas sociais desenvolvidas.

ANÁLISE DOS DADOS (PERCURSO METODOLÓGICO)

Prevenção e combate ao *bullying* no ambiente escolar

A metodologia utilizada para prevenção e combate ao *bullying* nas escolas é sistematizada através de programas. Esses programas apresentam critérios para identificação do *bullying* na escola e mostram os procedimentos adequados para a intervenção de combate e as estratégias de prevenção. A pesquisa realizou-se por meio de coleta de dados, desenvolvendo uma pesquisa bibliográfica, como livros, artigos, sites e uma pesquisa de campo, no intuito de compreender melhor o termo.

O programa pioneiro desenvolvido em 1983 por Dan Olweus na Noruega, serviu de modelo para os programas contra o *bullying*, elaborados por outros países europeus, servindo, hoje, para o resto do mundo. Infelizmente estamos vivendo uma época em que a violência se torna cada vez mais presente em todas as instituições escolares. A violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que é questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade (FANTE, 2005, p. 20).

A falta de preparação das escolas para estes casos é problemática, os professores assistem muitas vezes, a atos de violência de origem pouco perceptível, que acabam por serem resolvidos com castigos aplicados às partes envolvidas. O aluno, considerado vítima, é marcado/identificado por distúrbios que não causou e sente-se, geralmente, injustiçado, podendo mais tarde vir a ser o causador de novos distúrbios.

O despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicas que unicamente os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada a necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos.

O professor deve possuir pleno conhecimento das suas atribuições, bem como da competência de todos os profissionais da escola. Somente de posse desse conhecimento ele será capaz de compreender por que e quando deverá encaminhar um caso de violência entre alunos a outros profissionais e/ou instituições. Inicialmente, o professor deve se dirigir ao diretor do estabelecimento de ensino, uma vez que este é responsável pela vigilância de tudo que ocorre no interior das dependências escolares. Caberá ao diretor, como autoridade máxima desse ambiente, realizar uma sindicância interna e tomar as decisões necessárias sobre as condutas e os procedimentos que devem ser adotados pelos professores e por todos os funcionários da escola.

Todo professor deve proceder de forma que seu comportamento sirva de exemplo para seus alunos. No entanto, por vezes, a escola se depara com circunstâncias em que o professor se destitui de suas obrigações e acaba criando situações que podem ameaçar, constranger ou colocar em risco a integridade física e/ou psicológica de um estudante. Nesses casos, cabe à direção apurar os fatos e, se confirmada a responsabilidade do profissional, deve aplicar-lhe a pena previstas no regimento interno da instituição.

Segundo o diário web (outubro de 2009), na cidade de Fernandópolis a Vara da Infância e Juventude determinaram que dois adolescentes entre quinze e dezesseis anos cumprissem medidas socioeducativa por tempo indeterminado, por ter cometido conduta de *bullying*. Os adolescentes foram punidos por terem agredido fisicamente um estudante de dez anos no pátio da escola. Por não existir o termo *bullying* juridicamente, eles foram punidos por agressão.

No Brasil uma pesquisa do IBGE apontou Brasília como a capital do *bullying*. Segundo o estudo, 35,6% dos estudantes entrevistados disseram serem vítimas constante da agressão. Belo Horizonte, em segundo lugar com 35,3% e Curitiba, em terceiro lugar com 35,2%. Ainda, segundo a pesquisa do IBGE, em Brasília, o maior número de casos ocorreu nas escolas particulares: 35,9%, contra 26,2% dos estudantes nas escolas públicas e que o *bullying* é mais frequente entre os estudantes do sexo masculino (32,6%) do que entre os escolares do sexo feminino (28,3%).

Na cidade de Remanso – BA, Denilton, um adolescente de 17 anos assassinou outro colega de 13 em frente a sua casa. O mesmo foi excluído do círculo de amigos na escola. Revoltado com anos de humilhações submetido no ambiente escolar, resolveu dar um basta àquela sequência de sofrimentos. No seu depoimento, o adolescente deixou claro o grau de sofrimento e trauma que foram criados em seu psiquismo por causa dos anos de humilhações na escola, e sua intenção era cometer uma chacina, tendo planejado matar mais de cem pessoas e seria lembrado como o “terrorista suicida brasileiro”, uma vez que a ideia de suicídio o acompanhava desde os 15 anos (FANTE, 2005, p.41-42).

Com o apelido de Orca, Bertina, passou boa parte da infância e da adolescência sendo humilhada e ridicularizada na escola. Sentia-se culpada e envergonhada por ser gorda, o que a impedia de buscar ajuda. Hoje, Bertina se reconhece como uma pessoa obcecada por regimes, dietas e exercícios físicos. Mesmo com peso e altura ideais, não se sente satisfeita com o corpo. Odiava o apelido embora risse, tentando pertencer ao grupo e passou a odiar a sua forma física. Busca por toda vida, livrar-se do que a fez sofrer por tanto tempo.

A pesquisa foi realizada entre os dias 29 e 30 do mês de novembro de 2018, em uma Escola Pública Municipal, nas turmas do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I, localizada na cidade de Picos – PI. Durante a pesquisa, foram utilizados como instrumentos para coleta de dados, questionários com perguntas objetivas e subjetivas destinadas aos alunos, aos professores e ao diretor da escola e algumas observações deixando-os à vontade para expressar suas opiniões no intuito de diagnosticar as principais causas e como acontece esse fenômeno.

Como amostras, foram selecionados alunos de forma aleatória, dos quais 15 alunos, de 9 (nove) a 16 (dezesseis) anos de idade, 4 professores e o diretor da referida instituição. Em seguida, os alunos responderam a 11 perguntas, os professores 10 e o diretor 6, todas fundamentadas na área da pesquisa.

A maioria dos professores já presenciou algum tipo de comportamento agressivo entre alunos, mas se sentem impotentes diante dessa situação. Alguns deles percebem as consequências causadas pelo *bullying*, mas por algum receio o aluno não confirma as agressões sofridas.

Pode-se dizer que a escola não possui programa de acompanhamento às vítimas das agressões, e que são muito grandes as diferenças de opiniões entre professores e a direção da escola quando se fala no fenômeno *bullying*.

Resultados da Pesquisa

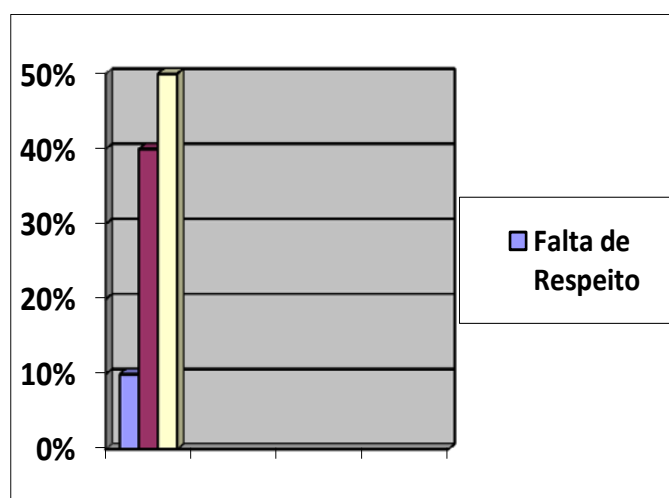
Questionário aplicado aos professores sobre alguma causa de *bullying* na sua sala de aula, obtiveram os seguintes dados. Quanto a pergunta: Já presenciou algum tipo de *bullying* na sua sala de aula? Segundo as professoras entrevistadas, 100% responderam que já presenciaram alguns tipos de *bullying* em sala de aula e que os tipos mais frequentes são as agressões físicas e verbais,

O FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DETERMINADA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL SITUADA NA CIDADE DE PICOS/PI

onde as formas de violências mais presentes são as ameaças, apelidos, intimidar e chamar de negro e de obesos.

Percebemos no Gráfico 1 que 50% dos professores entrevistados responderam que tanto a causa quanto o aumento do fenômeno *bullying* nas escolas, se dá, devido à falta de limites em relação à educação familiar. Acreditam, ainda, que em alguns ambientes familiares os pais se atentam apenas a referência material e financeira, esquecendo-se dos valores que devem ser repassados aos filhos, valores esses, que só se aprende em casa. No entanto, essa omissão atrapalha o desenvolvimento da criança e do adolescente na escola.

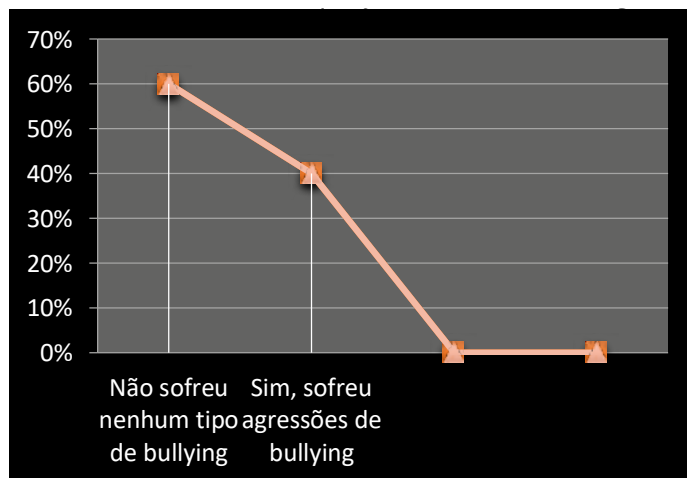
Gráfico 1 - Qual a maior causa do *Bullying* e porque está aumentando nas escolas



Fonte: Autor (2018).

Conforme Gráfico 2, dos alunos entrevistados, 60% responderam que não, já os outros 40% disseram que já sofreram agressões dos tipos: humilhação, intimidação, agressão e exclusão e que essas ações lhes causaram muitos problemas, como trauma, timidez e desinteresse em continuar frequentando a escola. Neste cenário, identificamos que a maioria dos alunos não sofreu nenhum tipo de agressão considerada *bullying*, e menos da metade sofreu algum tipo de agressão do tipo: humilhação, intimidação, e demais ações fortes de exclusão o que lhes causariam muitos problemas como, timidez, desinteresse, dentre outros.

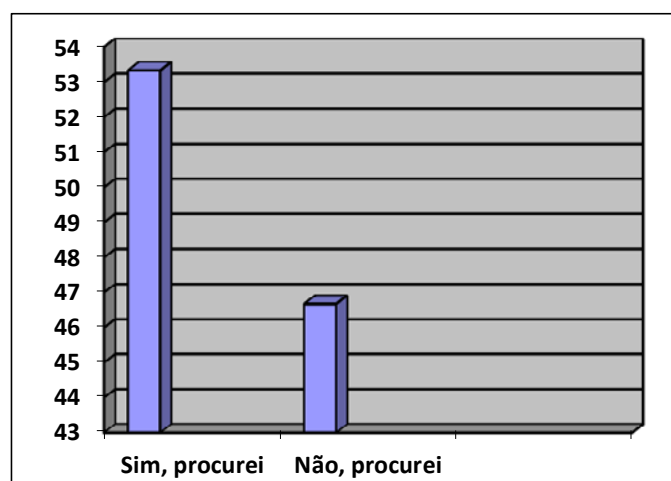
Gráfico 2 - Relato de alunos evidenciando que já teriam sofrido algum tipo de *bullying*



Fonte: Autor (2018).

De acordo com o Gráfico 3, dentre os entrevistados, 53,33% dos alunos afirmaram que já procuraram ajuda dos professores e dos pais. E ainda 46,67% disseram que não contaram a ninguém. Nota-se que a relação de aluno com o professor supera mais da metade, alguns se sentem à vontade de procurar ajuda e resolver o problema, antes que ele se torna mais complicado. No entanto, ainda tem que se trabalhar no combate a violência escolar. Em nota, computamos ainda a minoria, que por muitas vezes se sente coagida pelos agressores a não contarem o que aconteceu.

Gráfico 3 - Diante de violência vivenciada você procurou alguma ajuda



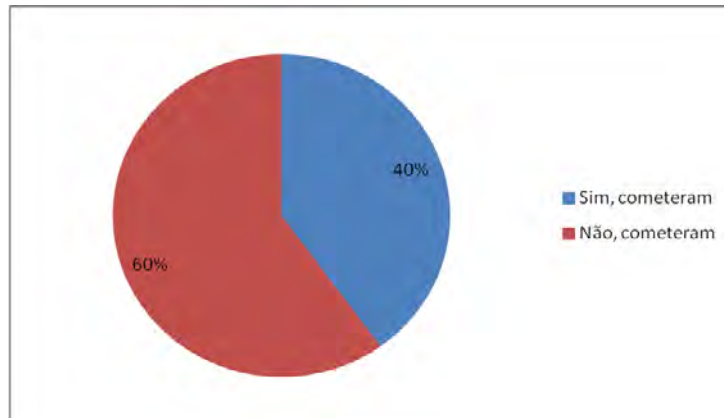
Fonte: Autor (2018).

O Gráfico 4 mostra que dos alunos entrevistados, 40% responderam que sim, por terem sido excluídos das brincadeiras, e que algumas vezes por procurarem conversa. E 60% deles afirmaram nunca terem cometido nenhum tipo de *bullying*. Nota-se, que o cenário da violência escolar permanece de forma assídua, ou seja, o mesmo aluno que foi vítima da agressão também

O FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DETERMINADA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL SITUADA NA CIDADE DE PICOS/PI

foi o agressor. Essas alterações de condutas por parte das vítimas se dão em decorrência dos maus tratos sofridos por outros grupos, dessa forma a vítima se torna agressora, ao ponto de procurar os mais fracos para compensar a agressão sofrida anteriormente.

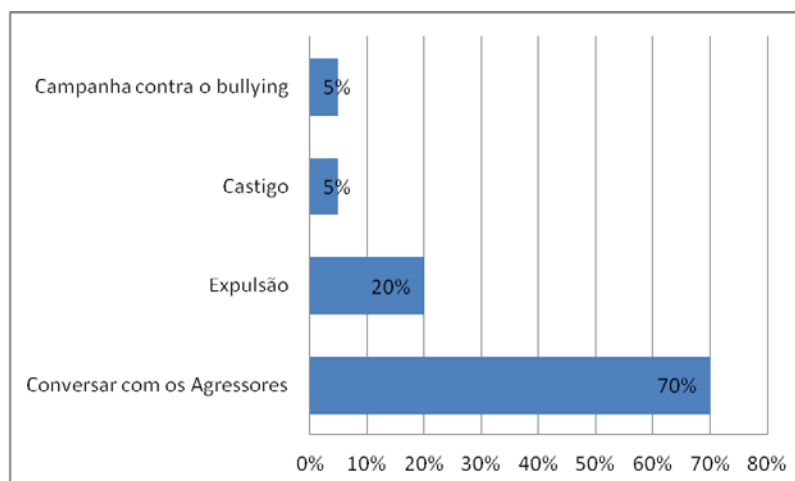
Gráfico 4 - Se já havia cometido algum tipo de *bullying*



Fonte: Autor (2018).

O Gráfico 5 indica que, diante dos entrevistados, 70% responderam que deveriam falar com os agressores, 20% deles que a deveriam expulsá-los da escola, 5% gostariam que os colocassem de castigo e os outros 5% que a escola deveria fazer campanha contra o *bullying*.

Gráfico 5 - O que você sugere que a escola faça para resolver o problema com o *bullying*



Fonte: Autor (2018).

Em ambas as respostas, podemos observar que os entrevistados optam pela resolução da violência escolar, sendo que a maioria deles prefere resolver as situações conversando diretamente com os agressores. Essa é uma forma de não entrar em conflito diretamente com o agressor, gerando menos problemas na família e na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo sobre o tema abordado, pode-se concluir que o *bullying* sempre existiu nas escolas e no meio social em que vivemos. As características desse fenômeno são antigas e podem ser denominadas como “atitudes agressivas praticadas por uma ou por um grupo de pessoas contra umas ou outras pessoas sem nenhuma justificativa e por um longo período de tempo, causando sofrimentos às vítimas”.

Os envolvidos são crianças e adolescentes em fase de crescimento e que necessitam de acompanhamento familiar e educacional para evitar transtornos no seu desenvolvimento e formação, pois independentemente da forma de *bullying* sofreram com essa violência. Portanto, é necessário que pais e professores saibam identificar os comportamentos dos jovens e adolescentes, não devendo confundir qualquer palavra como algo ofensivo, e com comportamentos repetitivos e ocasionais contra uma mesma pessoa.

Percebe-se que a falta de educação familiar como, esclarecimento, união entre pais, filhos e educadores, o acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos e a falta de iniciativa da escola em fazer um trabalho com seus funcionários e com a família no combate ao *bullying*, explica em grande parte o aumento dessas agressões no meio social e escolar. Com a rotina de trabalho excessiva, os pais deixam seus filhos na escola e depositam toda confiança em relação aos cuidados com eles. Muitos confundem a relação educacional com os valores que os filhos devem aprender no ambiente familiar.

Referências

ABRAPAI, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: Mentres perigosas nas escolas. São Paulo: Globo, 2005.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Viva**: vigilância de violências e acidentes, 2005. Brasília: Ministério da Saúde. 2009. (Série G. Estatística e Informação em Saúde).

CHALITTA, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo**: prevenir e enfrentar a violência entre jovens. SP: Itália Nova editora, 2008.

FANTE, Cleo. **Pedagogia da Amizade – bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: editora Gente, 2003.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying IBGE/CF 1988**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

MANZOTTI, Cleber Cristiano; ERNANI, Cesar de Freitas. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale. 2012.

PEDRA, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2008.

SILVA, Neto A. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria (Rio de Janeiro)**. 81 (5 Supl.): S164-S172, 2010.